

AS BRINCADEIRAS NO RECREIO: AÇÕES VOLITIVAS NOS TEXTOS ESCRITOS POR CRIANÇAS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

PLAY IN THE RECREATION: VOLITIVE ACTIONS IN TEXTS WRITTEN BY CHILDREN IN THE THIRD YEAR IN ELEMENTARY EDUCATION

JUEGA EN LA RECREACIÓN: ACCIONES VOLITIVAS EN TEXTOS ESCRITOS POR NIÑOS DE TERCER AÑO DE EDUCACIÓN ELEMENTAL

Vania Maria Batista Sarmanho²
Simone de Jesus da Fonseca Loureiro³
José Anchieta de Oliveira Bentes⁴

Resumo: Baseado em Vygotski (1983, 1994, 2008, 2009). O artigo analisa ações volitivas atribuídas às brincadeiras no recreio em textos de crianças do 3º ano do ensino fundamental. A análise revelou a marca da criança nas brincadeiras, isto é, as interações e as vontades coletivas e individuais.

Palavras-chave: Criança; textos infantis; ações volitivas.

Abstract: Based on Vygotski (1983, 1994, 2008, 2009). The article analyzes volitional actions attributed to games during recess in texts by children in the 3rd year of elementary school. The analysis revealed the child's brand in the games, that is, the collective and individual interactions and desires.

Keywords: Child's play; children's texts; volitional actions.

Resumen: Basado en Vygotski (1983, 1994, 2008, 2009), el artículo analiza las acciones volitivas atribuidas a los juegos durante el recreo en textos de niños de 3º de primaria. El análisis reveló la marca del niño en los juegos, o sea, las interacciones y deseos colectivos e individuales.

Palabras clave: Juego de niños; textos para niños; acciones voluntarias.

Introdução

Este estudo reconhece a criança como um sujeito social e histórico que marca o lugar que ocupa enquanto categoria social que tem participação ativa na sociedade, distinta do adulto, porém de forma peculiar e singular que age, interage e estabelece relações sociais diversas e, com isso, vai criando formas significativas de viver, bem como de se comunicar e de usar a linguagem nas suas mais variadas formas, utilizando-se muitas vezes da brincadeira.

O objetivo é analisar as brincadeiras no recreio a partir das ações volitivas reveladas na escrita de crianças. Neste artigo, detivemo-nos na análise de dois textos de dois alunos do 3º ano do ensino fundamental, tendo em vista o processo de desenvolvimento intelectual, cultural, social, afetivo e emocional da criança na infância. A questão norteadora é: quais ações volitivas são atribuídas às brincadeiras no recreio? A hipótese é que as crianças, por meio das ações volitivas, expressam ideias e opiniões sobre o que representa o recreio escolar no cotidiano, em duas escolas públicas municipais de Belém do Pará.

¹ Este texto é um recorte da dissertação de Mestrado em Educação defendida na Universidade do Estado do Pará.

² Universidade do Estado do Pará.

³ Universidade do Estado do Pará.

⁴ Universidade do Estado do Pará.

A fundamentação teórica é pautada em Vigotski (1983; 1994; 2008; 2009), cujos pressupostos permitem analisar os textos das crianças com base em três categorias: (1) Ação volitiva qualificativa; (2) Ação volitiva que fala de si; e (3) Ação volitiva que fala do outro.

O artigo está organizado da seguinte maneira: a primeira seção trata da fundamentação teórica sobre as crianças e as brincadeiras no recreio. A segunda seção, aspecto metodológicos da pesquisa documental. Na terceira seção, consta a análise da pesquisa a partir das categorias já mencionadas, e nas considerações finais há destaque para a relevância do estudo quando a criança escreve sobre o que tem domínio ou tem envolvimento afetivo com o tema, demonstrando, por meio da escrita, as suas impressões, deixando balizar o gosto, a relação individual e coletiva a partir da brincadeira.

As crianças e as brincadeiras no recreio: aspectos epistemológicos

Temas relacionados à infância, como brincadeiras ou recreio, são interessantes às crianças no desenvolvimento de redações, visto que estes são tidos como facilitadores no desenvolvimento do processo de leitura e escrita, sobretudo nas séries iniciais. Nessa perspectiva, Vygotsky (1994) ratifica que a brincadeira tem uma grande importância por ser uma atividade que guia o desenvolvimento da criança, inclusive em cada faixa etária, desde a educação infantil até o ensino fundamental menor.

As crianças estabelecem, durante as brincadeiras, muitas relações sociais que lhes possibilitam obter uma experiência social grandiosa, insubstituível, de educação social que, de alguma forma, provoca nelas o agir a partir de um comportamento racional e consciente, em que “o comportamento humano passa a depender de operações baseadas em significados, onde as motivações que iniciam o comportamento estão nitidamente separadas da realização” (VYGOTSKY, 1994, p. 132).

A prática do brincar é uma atividade valiosa em todos os espaços que a criança frequenta, e muito mais no espaço escolar, pois se ela brinca também imagina, cria. Assim, a brincadeira se torna um fundamento para a criança escrever e ler, porque consegue lidar bem com a criação e a imaginação, seja por meio da fala, da escrita ou da leitura.

[...] a imaginação, base de toda realidade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando possível a criação artística, a científica e a técnica. Tudo que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem (*sic*), todo o mundo da cultura, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOTSKI, 2008, p. 14).

Por isso, pensar as crianças dentro na dinâmica do recreio requer considerá-las como agentes construtoras e produtoras de cultura, as culturas da infância. Essa ação, portanto, deve ser entendida como “a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação de ação” (SARMENTO, 2003, p. 4).

No recreio, identificamos as crianças como protagonistas de suas ações, quando agem como atores sociais e, portanto, como sujeitos que não se limitam a interiorizar a cultura do adulto; isso é expresso no texto que desenvolvem ao colocarem as brincadeiras que experimentam com o outro.

Aspecto metodológico: olhar minucioso para os textos das crianças

Utilizamos como fonte de análise documental dois textos escritos por duas crianças do 3º ano do ensino fundamental, pesquisado no acervo do Centro de Formação de Professores, referente à Província Belém de 2016. O tema sugerido de escrita de texto foi “A hora do recreio”.

Os autores dos textos são Lucas, de 8 anos, aluno matriculado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Amância Pantoja –EMEFAP, e Gleise, de 8 anos, aluna matriculada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ernestina Rodrigues –EMEFER.

Deduzimos, ao ler os textos, que o cenário onde acontecem suas brincadeiras estão permeados de ações volitivas. A expressão “ações volitivas” foi pensada porque queremos compreender o texto das crianças sob a perspectiva de quem lê um subtexto, ou seja, o que, embora presente, está oculto na escrita da criança, mas ao mesmo tempo tão significativo e revelador no discurso da criança. Assim, “ação volitiva” é entendida como a motivação, como a vontade de qualificar a brincadeira no recreio, bem como a relação que estabelece com os colegas e o próprio posicionamento. Nesse sentido, as ações volitivas são tanto as ações presenciais das crianças no recreio, como produção de sentimentos e vontades e a relação com o outro, quanto o conteúdo da escrita da criança no que diz respeito à semântica do texto, ou seja, no seu conteúdo, elas se referem às próprias ações como algo muito bom.

Ou seja, como de fato as crianças se apresentam no recreio, da ordem do querer, do dizer e do fazer, em uma relação estabelecida na coletividade e que demanda partilhar as emoções e os acontecimentos vividos e o sentimento de alegria e felicidade, gerado pela brincadeira, na relação direta de envolvimento pleno com muitos outros.

Outro fator importante relacionado às três categorias de análise é que a criança, ao escrever sobre as brincadeiras em contexto de recreio, utiliza-se do intelecto que seria a organização do pensamento em função do que deseja dizer,

[...] para comprender el lenguaje de los otros, no es suficiente comprender las palabras; es necesario entender su pensamiento. Pero incluso esto no es suficiente, también debemos conocer las motivaciones. El análisis psicológico de una expresión no está completo hasta que no se alcanza ese plano⁵ (VIGOTSKI, 1983, p. 194).

Da mesma forma que não basta somente compreender o pensamento, é preciso descobrir qual o significado do que se quer dizer. Nesse caso, o que está oculto, o que o autor chamou de uma base afetiva volitiva, o subtexto:

A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. Desta forma temos, parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno de discurso (VIGOTSKI, 2009, p. 129).

No decorrer da leitura dos textos das crianças, tivemos o entendimento de que existe na sua escrita um dizer oculto, aquilo que pode ser revelado no momento em que lemos os textos e, assim, denominamos de “ação volitiva”, aquilo que a criança teve vontade, motivação, interesse de expressar por meio de seu pensamento, que também está associado a um subtexto, a uma intenção de qualificar a brincadeira por meio de uma ação volitiva para o brincar, ou por meio da relação social com o outro no decorrer da brincadeira. Durante a análise, constatamos pontos de interseção e foi a partir daí que buscamos a unidade de análise entre os textos, ao criar nossas três categorias:

⁵ “para entender a linguagem dos outros, não é suficiente entender as palavras; é necessário entender seu pensamento. Mas mesmo isso não é suficiente, devemos também conhecer as motivações. A análise psicológica de uma expressão não está completa até que esse nível seja atingido”.

- a) Ação volitiva qualificativa para o brincar: entendemos que está ligada aos adjetivos, advérbios, locução adverbial e outras palavras que expressam sentimentos, afeição, como diminutivos, que as crianças usam para opinar sobre a brincadeira.
- b) Ação volitiva que fala de si: que ocorre, a nosso ver, quando no texto, a criança se posiciona, fala de si, coloca-se no texto para estabelecer seu eu, sua posse para com o brinquedo e sua ação para com a brincadeira.
- c) Ação volitiva que fala do outro: quando a criança se centra na relação visivelmente explícita em relação aos amigos.

Brincadeiras no recreio: análise de ações volitivas em textos escolares de crianças

O tema relacionado a brincadeiras no recreio é uma rica oportunidade de fomentar a escrita e a leitura, possibilitando ao pesquisador deparar-se com as ações volitivas da criança nessa fase tão singular da vida, ou seja, textos em que as crianças revelam suas impressões na ordem do querer, do dizer e do fazer em uma relação estabelecida na coletividade, que demandam partilhar as emoções e os acontecimentos vividos.

Em nossa análise sobre os textos das crianças, destacamos a forma composicional do texto, isto é, a estratégia que ressalta a criatividade de quem escreve a partir de um tema sugerido para uma redação. A forma composicional é

a maneira como desenvolvemos textualmente nosso tema: comentando (“Está bem quente aqui!”); exclamando (“Que bafo!”); interrogando (“Vocês não sentem calor?”); pedindo (“Abre a porta”); ou então combinando várias formas textuais (narrativa com diálogo e juízo moral; diálogo com trecho introdutório e trecho de resumo; trechos argumentativos com descrições; exemplo e quadros com legenda; e assim por diante (SOBRAL; GIACOMELI, 2016, p. 1.088).

Os textos de Lucas e Gleise, sujeitos desta análise, serão apresentados e comentados a partir dos pressupostos teóricos.

Eu gosto de brincar com meus amigo
no recreio vou Pegar a minha merenda
e vou merendar quando termino a merenda
eu coloco o coPo no Balde eo BeBu agua e vou Bri
ncar de futebol com gabriel eo leonardo e o sa
muel eo Geovane e eu me divirtu
muito brimcado Quando Bate acan
Quando Bate acan
Pa a gente sabePara a sala e termina o dever a profess ora sobe tambem
ela dis terminem logo Para quan
do Bater a canPa da saída a gemte as
ir ainda tem tempo Para termi
nar o gabriel disi Para a Professora
jaetou terminando Professora otimo a Professora disi terminemlo que java
i Bater a canpa da saída e e para vocês
terminarem logo javai Bater a canpa em três, dois um
e Bateu. (BELÉM, 2016, [n. p.]

No texto, Lucas tem uma posição discursiva de primeira pessoa, narra uma trajetória de ações que acontecem no recreio e na sala de aula por meio de marcadores: “pegar merenda”,

“colocar o copo no balde”, “vou brincar” e “terminar o dever”, utilizando o movimento de tempo e de espaço para demarcar o que faz e onde faz.

O aluno contextualiza o recreio dentro de uma rotina escolar, de alguém que tem muito a escrever porque tem conteúdo, tem o que dizer. “Para educar um escritor na criança deve-se desenvolver nela um forte interesse pela vida à sua volta” (VIGOTSKI, 2009, p. 66).

A percepção de Lucas sobre a escola é completa, de um sujeito que internalizou a rotina estabelecida a partir de variáveis como o tempo e o espaço, a relação com várias pessoas que interagem com ele, a professora, os funcionários e os amigos, além deste a sua forma individual de perceber a rotina escolar.

Ele buscou explorar o recreio, a brincadeira e a sala de aula. O recreio é parte integrante das ações da rotina escolar, e é o tempo de brincar e de merendar. Ele não foge ao tema, escreve sob este assunto em 6 linhas do texto. Ao narrar a tarefa de sala de aula, faz isso nas 12 linhas seguintes. O aluno chega a ser mais contundente e detalhista quando narra o que faz em sala de aula do que o que faz no recreio. Ele chega a reproduzir um diálogo direto entre a professora e o aluno Gabriel (ler as últimas 4 linhas do texto do Lucas).

O que transparece no texto de Lucas sobre o fazer na sala aula é de que a professora exerce um papel de referência; ela é a pessoa que cobra do aluno as tarefas realizadas até o bater da campã do recreio. São combinados, estabelecidos entre – professora e os alunos – e a maioria procura cumprir. Quando Lucas cita um trecho: “Gabriel disse para professora. – Já estou terminando. A professora responde: ótimo”, mais uma vez fica evidenciado o que supomos estar estabelecido na sala de aula. Neste contexto, a professora quando diz “ótimo” pode estar se referindo ao cumprimento de uma atividade ou relaciona a autorização de ir para casa. A ação volitiva em relação ao outro entre a professora e os alunos é de respeito e cordialidade.

No texto de Lucas, a ação volitiva que fala do outro é de amizade perceptível entre os colegas. São quatro meninos que se juntam com Lucas para brincar de futebol: Gabriel, Leonardo, Samuel e Geovane. Lucas usa a expressão “vou brincar de futebol com”, o que pode parecer existir entre eles é um laço afetuoso de amizade em função do grau de aproximação, assim, eles dispensam uma linguagem mais valorativa; o que os aproxima é a brincadeira – o futebol – que por sinal faz muito bem a Lucas quando diz “eu me divirto muito brincando”. Assim, “a emoção parece possuir a capacidade de selecionar impressões, ideias e imagens consonantes com o ânimo que nos domina num determinado instante” (VIGOTSKI, 2009, p. 9).

As relações de amizade são facilmente estabelecidas entre as crianças, e são bem mais difíceis de serem consolidadas entre os adultos que participam da comunidade escolar.

Nesse momento,

a criança age na brincadeira pela linha da menor resistência, ou seja, ela faz o que mais deseja, pois a brincadeira está ligada à satisfação. Ao mesmo tempo, aprende a agir pela linha de maior resistência: submetendo-se às regras, as crianças recusam aquilo que desejam, pois a submissão às regras e a recusa à ação impulsiva imediata, na brincadeira, é o caminho para a satisfação máxima (VIGOTSKI, 2008, p. 31).

A brincadeira gera satisfação e produz a sensibilidade humana para o bem viver, uma sensação de alegria, diversão e liberdade nas pessoas. No caso de Lucas, essas sensações são expressas pelo jogo de futebol, o que representa a materialização do seu prazer.

Observa-se também no seu texto o uso de ação volitiva que fala de si; isso significa que o autor tem preferência em se posicionar frente ao que realiza no recreio, conforme menciona “minha merenda”; “eu coloco o copo no balde”; “vou brincar de futebol”; “eu me divirto muito brincando”.

Lucas repete quatro vezes a ação volitiva que fala de si utilizando os pronomes ou verbo: “minha”, “eu”, “vou”, “eu”; é um recurso fiel de explicitar o percurso que realiza durante o momento

do recreio, ao indicar sua primeira opção em receber a alimentação oferecida pela escola, depois o destino certo dos utensílios em que são servidos os alimentos, o balde. Além disso, Lucas revela sua identidade ao anunciar o que executa no horário de intervalo que vai da degustação dos alimentos ao prazer da brincadeira e as interações que são processadas naqueles momentos, com muitas emoções.

Outro ponto a destacar no seu texto é o modo como se posiciona diante do que faz. Ele dá ênfase à menor resistência na brincadeira e diz “eu me divirto muito”. Quando ressalta enfaticamente a sua satisfação ao brincar, Lucas demonstra uma ação volitiva qualificativa, aparece em várias expressões: “gosto”, “de brincar”, “do recreio”, “minha”, “no balde”, de futebol”, “muito”, “já”, “logo”, “terminando”, “ótimo” e “da saída”.

Passemos ao texto de Gleise.

Uma tarde bonita
Era uma vez uma turminha famosa e tur-
ma da monica.
Cascão, Cebolinha, Magali e a Monica A Monica era
muito braba gostava de pater do Cebolina. Ceboli-
nha ele era sabeca e falava errado. O Cascão
não tomava banho. A magali so ben sava e comi-
da.
Elas bricaram, bularam, dansaram e comeram.
No regreiu eles paticiparam de farias
brincadeira bira cola, bira alta, bira esconde,
bira coca e policia e ladrão.
Eles cedivertiram muito foi uma
tarde divertida. (BELÉM, 2016, [n. p.]

O texto de Gleise é de uma posição discursiva bem diferente da de Lucas. É de atitude transgressora porque não corresponde à consigna dirigida. Lucas escreveu o texto na primeira pessoa, mas Gleise optou por escrever utilizando-se de personagens da Turma da Mônica – memória discursiva de uma aluna leitora –, uma vez que se utiliza do imaginário para demonstrar seu interesse por histórias em quadrinhos; histórias de encanto, imaginação, travessuras, diversão, fantasias e envolvimento. Na verdade, “o melhor estímulo para a criação infantil é uma organização da vida e do ambiente das crianças que permite gerar necessidades e possibilidades para tal” (VIGOTSKI, 2009, p. 92). Gleise, portanto, desempenha o seu papel de leitora, de um repertório vasto de histórias e, com este conhecimento, brinca com o texto a partir de personagens do mundo infantil.

Conforme nossa avaliação, a estratégia de escrita de Gleise fornece pistas para o interlocutor do que irá ler no texto, considerando que “a própria palavra, que representa uma unidade viva de som e significado e que, como célula viva, contém na forma mais simples todas as propriedades básicas do conjunto do pensamento discursivo” (VIGOTSKI, 2009, p. 7). Nesse caso, a aluna se vale de uma frase frequentemente utilizada como fórmula para introduzir narrativas orais e escritas para crianças, o “Era uma vez”. A autora faz opção em escrever sobre o tema – o recreio e a brincadeira – criando uma história com a Turma da Mônica em que os personagens Cascão, Cebolinha, Magali e Mônica são devidamente caracterizados, conforme as histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa.

O fato de ela ter escolhido a Turma da Mônica provavelmente não foi aleatório, pois, Gleise considera os quatro personagens como amigos ao mencionar que “eles brincaram, pularam, dançaram e comeram”. São atitudes de crianças que aproveitam o momento destinado ao lazer para se sentirem livres, alegres ao compartilharem as suas brincadeiras com os amigos.

Por isso, a ação volitiva que fala do outro, entre os personagens da Turma da Mônica, é de amizade, considerando-se que eles se reconhecem com suas características individuais, o modo de viver de cada um, mas estão sempre juntos.

A ação volitiva que fala do outro, no contexto apresentado por Gleise, sinaliza que os personagens são “produtores de cultura” sob os pilares da “interatividade”, em que eles se divertem muito “como amigos dos companheiros da actividade; a defesa do espaço interactivo face a crianças exteriores ao seu grupo de amigos [...]” (SARMENTO, 2003, p. 11-12).

Gleise conta uma história criativa, mas é fiel à temática sugerida pela consigna. A temática é tão presente na história que as brincadeiras que ela cita enquanto escolha dos personagens Cascão, Cebolinha, Magali e Monica parecem ser as mesmas vivenciadas por crianças quando escolhem suas brincadeiras preferidas no recreio, “pira cola, pira alta, pira esconde, pira coca e policia e ladrão”. Ou seja, ela sabe lidar com a ficção e com o mundo real tranquilamente ao revelar conhecer a história da Turma da Mônica e seus personagens, além de trazer fatos que ocorrem no seu cotidiano, sobre o recreio.

A presença da brincadeira na vida de Gleise perpassa pelo “faz de conta”, ela é capaz de montar todo um cenário, dar voz aos personagens, criar um enredo, pensar no lugar e nos acontecimentos, ou seja, ela monta toda uma situação imaginária, a qual transporta para o papel em forma de texto. Isso porque

a criação infantil está para a criação dos adultos assim como a brincadeira para a vida. A brincadeira é necessária para a criança do mesmo modo que a criação literária infantil o é, antes de mais nada, para desencadear, adequadamente, o empenho do próprio autor. [...]. Na brincadeira, o mais importante não é a satisfação que a criança obtém brincando, e sim a utilidade objetiva, o sentido objetivo da brincadeira para a própria criança, que se realiza inconscientemente (VIGOTSKI, 2009, p. 90).

Quando Gleise demonstra ter internalizado como se brinca de “faz de conta” e cria sua utilidade objetiva a partir da história da Turma da Mônica em um outro contexto – o recreio e a brincadeira – demonstra, nessa ocasião, o sentido objetivo da brincadeira que extrapola o mundo da imaginação e adentra a sua capacidade criadora de uma escrita de texto de um conhecimento lúdico que possui e o faz em sua produção escrita.

No tocante a uma situação imaginária entendemos que

a ação num campo imaginário, numa situação imaginária, a criação de uma intenção voluntária, a formação de um plano de vida, de motivos volitivos – tudo isso surge na brincadeira, colocando-a num nível superior de desenvolvimento, elevando-a para a crista da onda e fazendo dela a onda decúmana do desenvolvimento, que se eleva das águas mais profundas, porém, relativamente calma (VIGOTSKI, 2008, p. 35).

A brincadeira de faz de conta ajudou Gleise na escrita de texto. Além disso, está presente em seu texto uma ação volitiva qualificativa em quatorze expressões de sua história: “bonita”, “turminha famosa”, “da Mônica”, “muito braba”, “de bater”, “sapeco”, “errado”, “não tomava banho”, “só pensava em comida”, “eles se divertiram muito”, “tarde divertida” “pensava e comia”, “muito” e “divertida”; palavras significativas, expressadas pela criança, que potencializam as ações volitivas qualificativas, unindo o seu conhecimento literário às situações imaginárias presentes na escrita sobre as brincadeiras no recreio.

No termo “famosa”, Gleise quis enfatizar que não se trata de uma turminha qualquer, ela é uma turminha que tem credibilidade no mundo infantil em função de a história em quadrinhos circular no cotidiano da criança. Ela ressalta que “eles se divertiram muito”, representa que “Cascão, Cebolinha, Magali e a Monica” agiram pela linha de menor resistência, como bem pontua VIGOTSKI (2008), que na brincadeira o elemento de satisfação é presente e possibilita uma sensação de bem-estar. E a “tarde divertida”, utilizada por Gleise ao final de sua história, dá ideia de que a Turma da Mônica, os colegas, divertiram-se tanto no recreio que ao final estavam exaustos, alegres e muito contentes e, por isso, Gleise atribui uma ação volitiva muito positiva em que os quatro personagens viveram momentos divertidos no recreio.

Nesse sentido, a ação volitiva qualificativa no texto de Gleise dá destaque para as expressões: “famosa”, “muito” e “divertida”.

O interessante no texto de Gleise é que, ao optar por criar uma história sobre a Turma da Mônica no contexto do recreio e da brincadeira, ela não se coloca de forma direta na escrita para estabelecer relação com o outro, por isso, não há ação volitiva que fala de si, entre a própria autora Gleise e o seu relato sobre o tema proposto. Mas,

pela incorporação de papéis e posições sociais; de como ela trabalha com imagens e pode objetivá-las; de como chega a colocar a vida em palavras; a fazer da vida um romance, uma obra de arte, da escrita uma atividade vital, criadora, que pode afetar e transformar si própria e aos outros (VIGOTSKI, 2009, p. 10).

A aluna faz referência à ação volitiva que fala de si a partir dos personagens ao ressaltar que eles possuem uma identidade própria. “Mônica era muito braba”; Cebolinha era sapeca e falava errado”; “Cascão não tomava banho”; “Magali só pensava na comida”. A ação volitiva que fala dos personagens da Turma da Mônica está presente nos termos “braba”, “sapeca”, “fala errado”, “não toma banho”, “comilona”, e que de algum modo Gleise soube aproveitar o perfil de cada personagem e mostra sua satisfação ao enfatizar que “eles brincaram, pularam, dançaram e comeram”, e que por isso, souberam aproveitar o espaço do recreio para realizar os gostos dos personagens quanto ao lazer e à alimentação. Demonstra ser leitora de história de quadrinhos da Turma da Mônica, ao dominar as peculiares dos personagens, bem como se utiliza da magia da brincadeira para escrever sua história.

No quadro 1, apresentamos a sumarização dos dois textos analisados.

Autores	Ação volitivas qualificativa	Ação volitiva que fala de si	Ação volitiva que fala do outro
Lucas	“gosto”, “de brincar”, “do recreio”, “minha”, “no balde”, de futebol”, “muito”, “já”, “logo”, “terminando”, “ótimo” e “da saída”	“minha”, “eu coloco”, “vou brincar”, “eu me divirto”	“Gabriel disse para professora. – Já estou terminando. A professora responde: ótimo”.
Gleise	“bonita”, “turminha famosa”, “da Mônica”, “muito braba”, “de bater”, “sapeca”, “errado”, “não tomava banho”, “só pensava em comida”, “eles se divertiram muito” e “tarde divertida” “pensava e comia”, “muito”, divertida”	“braba”, sapeca”, “fala errado”, “não toma banho”, “comilona”	“Vou brincar de futebol com”

Quadro 1: Sumarização das ações volitivas nos textos de Lucas e Gleise – Fonte: Elaboração própria (2019)

Observe que as categorias de análise, acima descritas, são as vozes das crianças, de como se posicionam em suas escritas de textos frente ao assunto proposto; as brincadeiras no recreio revelam o quanto elas fazem bem às crianças, não precisam de muitos aparatos materiais para se sentirem felizes, basta um pouco de criatividade, fantasia e imaginação. No dizer de Vigotski (2008, p. 33), “A desejar a criança realiza; ao pensar, age; a não separação entre a ação interna e a ação externa é a imaginação, a compreensão e a vontade, ou seja, processos internos numa ação externa”.

Vimos, nos textos que analisamos, como é importante a criança brincar porque demanda uma potencialidade para a criação humana. As interações sociais no decorrer da brincadeira são aprendizados que levamos para toda a vida. A relação de amizade presente nos textos traduz bem o que estamos pontuando, as crianças constroem relações de amizades, as crianças aprendem a gostar e a relatar que não gostam; por isso, as ações volitivas que falam de si têm a ver com a construção da pessoa humana, quem é a pessoa que escreve, e o que pensa sobre os amigos.

Considerações finais

Nesta análise, concebemos a criança como sujeito social, dialógico e cultural, e tomamos a escrita dela como objeto de pesquisa, a partir de documentos extraídos do contexto das práticas de formação, em Belém, no ano de 2016, gerados em situação de avaliação. Para a pesquisa, o foco de interesse foi o de assumir uma postura interessada, sobretudo, na escrita propriamente dita da criança; palavra escrita porque ela é a “voz” da criança que pensa, expressa suas impressões sobre o lúdico na rotina escolar, o recreio.

Recuperando o objetivo geral da pesquisa de analisar as brincadeiras no recreio a partir das ações volitivas reveladas na escrita de dois textos de duas escolas do CI 3º ano do ensino fundamental, queremos reiterar que a brincadeira contribui para o processo de desenvolvimento intelectual, cultural, social, afetivo e emocional da criança, na infância, pois por meio das relações sociais consigo mesma e com o outro, durante as brincadeiras, muitos posicionamentos são explícitos na escrita de crianças da ordem do dizer, do fazer e do estar na companhia de amigos no ambiente escolar. Além disso, sinaliza para a escola a valorização do recreio como momento oportuno de múltiplas interações e desejos, capazes de proporcionar à criança sentimentos de amorosidade e respeito.

Sobre as questões norteadoras da pesquisa: quais ações volitivas são atribuídas às brincadeiras no recreio? Compreendemos que, quando as crianças escrevem sobre as brincadeiras no recreio, assumem uma posição social de alguém que escreve e, ao mesmo tempo interage, relaciona-se e vive a dinâmica do recreio, por certo é uma forma de manifestar uma posição diante do assunto. São posições vindas de três lugares distintos: “do gosto pela brincadeira”, de uma postura pessoal de alguém que brinca – “com o que brinca” – e de postura coletiva – “com quem brinca”. A partir deste entendimento e de um processo metodológico de análise do documento, extraímos as três categorias: ações volitivas qualificativas, ações volitivas que falam de si e ações volitivas que falam do outro. Isso significa dizer que a criança, quando escreve sobre o que tem domínio, ou tem envolvimento afetivo com o tema, a tendência é demonstrar por meio da escrita as suas impressões, deixando balizar o gosto, a relação individual e coletiva da brincadeira.

Em nosso percurso de análise, vimos tamanha relevância nas obras de Vigotski, quando valorizou a brincadeira, a exemplo da brincadeira de “faz de conta”, mais adiante a brincadeira da criação e imaginação, brincadeira de troca de papéis; ele estava preocupado em saber como a criança, por meio da brincadeira, está internalizando o mundo e como está compondo a sua formação ética, política, estética, social, cultural. Ou seja, muito de seu legado, de suas obras, caminham na direção de compreender o ser humano por inteiro, o ser humano total. O que queremos dizer como isso é que as brincadeiras no recreio revelam quem é a criança, pessoa única, irrepitível, singular.

A criança que brinca no recreio pela sua singularidade, pela “voz-escrevente”, a partir da análise do texto, reafirma: Lucas – sabe muito bem da rotina escolar que se coloca na posição de quem sabe não só descrever a brincadeira, mas tem noção histórica, temporal, e por isso, trata de divulgá-la com todo entusiasmo.

Nossa pesquisa revela que a brincadeira não se acaba, basta que a criança esteja na companhia de um outro, que pode ser um amigo ou ele mesmo. O estudo indicou também que, a partir da brincadeira, a capacidade escritora tende a ser mais criativa, a criança que brinca com as letras tende a escrever textos criativos de sua própria autoria.

Ademais, o estudo da brincadeira no recreio aponta que as relações sociais que se estabelecem no convívio com o outro constroem sentimentos de amizade, solidariedade, respeito, companheirismo. Diante do exposto, convém destacar que a escola deve permitir na prática escolar momentos em que as crianças se relacionem, brinquem, aprendam a conviver em grupo, troquem conhecimentos, na possibilidade de construírem a cultura infantil.

Referências

BELÉM. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Secretaria Municipal de Educação. Centro de Formação de Professores. *Provinha Belém: teste leitura e escrita 2016/2*. Belém: SEMEC/CFP, 2016, [n. p.].

SARMENTO, M. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, Pelotas, ano 12, n. 21, p. 51-69, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1467>. Acesso em: dez. 2018.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios de Linguagem*, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, ago. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 05 fev. 2018.

VIGOTSKI, L. S. Pensamiento y palabra. In: VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas*, Tomo II. 2. ed. Madri: Visor, 1983. p. 158-215.

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VYGOTSKY, L. S. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 121-137.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, Trad. Z. Prestes, p. 18-36, jun. 2008. Disponível em: <https://atividart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2019.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores*. Trad. Z. Preste. São Paulo: Ática, 2009.

Sobre os autores

Vania Maria Batista Sarmanho. Mestre em Educação do PPGED – PPGED – Universidade do Estado do Pará (2019), Especialista em Administração Escolar e graduação em Formação de Professores do Pré-escolar a 4ª Série do Ensino Fundamental. Docente da Secretaria Municipal de Belém (SEMEC), e Especialista em Educação na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC).

Possui experiência na área da Educação Básica, formação inicial. Participa do grupo de pesquisa. Estudo dialógico do discurso, refletindo sobre o discurso dialógico a partir dos autores: Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, Martin Buber, Lev Vigotski e Paulo Freire. Integrante do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA).

E-mail: ymbgrupobase@gmail.com.

Simone de Jesus da Fonseca Loureiro. Mestre em Educação do PPGED – Universidade do Estado do Pará (2019). Especialista em Metodologia da Educação Superior. Graduação em PEDAGOGIA pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2003) e Bacharelado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Pará UFPA (2004). Participa do grupo de pesquisa: Estudos dialógicos do Discurso, refletindo sobre o discurso dialógico a partir dos autores Mikael Bakhtin, Valentin Volochinov, Martin Buber, Levi Vigotski e Paulo Freire. Integrante do grupo em linguagem e prática educacionais da Amazônia (GELPEA). Foi tutora a Distância do curso de Graduação de Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará e Técnica em Educação na Secretaria de Estado de Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Supervisão e Formação, atuando nas seguintes áreas: planejamento, currículo e projeto político pedagógico.

E-mail: monnyjfl@gmail.com.

José Anchieta de Oliveira Bentes. Pós-doutoramento em educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013), doutorado em Educação Especial (UFSCAR/2010), mestrado em Letras - Linguística (UFPA/1998), especialização em Linguística aplicada ao ensino-aprendizagem do Português (UFPA/1993) e graduação em Letras (UFPA/1991). Professor adjunto da Universidade do Estado do Pará; atua no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) - Mestrado na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Integrante do Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). Campos de atuação: educação inclusiva; educação de jovens e adultos; Estudos dialógicos do discurso em práticas escolares e não escolares.

E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br.